

A poesia de Ico Lisboa como testemunho da violência ditatorial

Luiz Eurico Tejera Lisboa – “Cabo Arraes”

Cristina Moura¹

Cabo Arraes

11/1/67

S.M.

Guanabara - calada da noite...

Três moços

Estudantes

Atravessam a baía

Fugindo da prisão

Cabo Arraes

É o guia

pesou bem a situação.

“São três moços destemidos

têm pela frente um destino:

fazer livre esta nação.”

E ele

Cabo Arraes

“Nem dois anos de instrução.”

Sabe que “passar fome é uma coisa

e sabe de cor!

Mas passar fome sem liberdade

é ainda pior!”

Cabo Arraes

é o guia

Pesou bem a situação.

É um risco que corre

E que aprendeu a correr

Com os três moços da prisão.

O fato é que tem muito pouco

a perder

Liberdade

Liberdade Verdadeira

Perdeu no justo dia em que nasceu.

Comida

Come pouco

E a dos presos é quase a mesma

¹Mestranda em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), Licenciada em Língua e Literatura Inglesa (Ufes 2020). Intérprete simultânea e consecutiva com Pós-graduação (PUC-Rio 2014). Doutora e Mestra em Imunologia (USP). Profa. aposentada (UERJ). Tradutora e revisora de textos científicos em inglês (eng), francês (fr). Versão do português(port)>eng e port>fr. Profa. de línguas eng,fr e alemão. Traduções consecutivas técnico-científicas e literárias.

que ele sempre comeu.
A vida.
Essa vida.
Nem vale a pena viver!

Guanabara - calada da noite...
Quatro moços
patriotas
Atravessam a baía
Para fazer Revolução.

Três se uniram
ílesos
Às forças de libertação.
Um - foi prêso
E ninguém sabe
ao certo
Onde ele está.

O Povo diz que foi morto
depois de torturado
O Govêrno, que está no Recife
encarcerado.

“Três moços destemidos
Têm pela frente um destino:
Fazer livre esta nação.”

Seu companheiro
Cabo Arraes
Espera impaciente a Revolução.
Onde
ao certo
Ninguém sabe.

Ou morto.
Ou na prisão!

Luiz Eurico Lisboa foi um poeta engajado na política desde a tenra idade e escreveu aos dezenove anos o poema Cabo Arraes, em 11/01/1967. Este poema tem um cunho decisivo de testemunho, escrito na ditadura militar após o golpe de 1964 e antecede em cinco anos o assassinato do poeta pelos militares aos vinte e quatro anos. O jovem Ico antes de ‘desaparecer’, parecia antever, premonizar seu próprio fim. O corpo foi encontrado sete anos depois, em 1979, o primeiro da sucessão de corpos identificados em vários cantos, enterrado como Nelson no cemitério de Perus em São Paulo, cidade onde morava. Um dossiê da

Secretaria Especial dos Direitos Humanos (Brasil. Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos, 2007, p. 309-311) detalha todo o processo histórico minuciosamente. Seu livro de poesias *Condições ideais para o amor* foi reeditado em 2022 marcando a passagem de 50 anos do extermínio, já os laudos forjados do processo indicavam suicídio. O poema, Cabo Arraes, leva como título o nome do soldado ator da façanha e uma indagação plausível é de que seria uma homenagem a Miguel Arraes, governador do Pernambuco deposto no golpe civil-militar de 1964 no Brasil? A intertextualidade é respaldada pela menção de Recife e ainda quando Paulo Freire oportunamente testemunha sobre Miguel Arraes, no livro de memórias e reflexões, que reforça a hipótese de referência intertextual ao político pernambucano (Freire & Guimarães, 2011), dedicado a causas progressistas e populares através de sua habilidade política. A escuridão da noite é o pano de fundo no início do poema e traz a fuga de jovens companheiros com o cunho político do ideal de libertar uma nação. Eram estudantes e o cabo não tinha instrução, mas é ele quem avalia, pesa, pondera e decide a situação. Os temas como prisão, fome, liberdade, vida, Revolução, tortura, coragem, incertezas e morte estão presentes.

O poema de uma sonoridade e leveza com versos livres, curtos, em linguagem coloquial rimada, ritmo melodioso, desfralda a ficção poética que corresponderia à violência, à catástrofe, ao evento-limite. A intencionalidade do autor é percebida nos detalhes não casuais da escrita. O poema- narrativa em relato cronológico se desenvolve com início, meio e fim apresentando aspecto cinematográfico. Foi encontrado com outros treze poemas e se constitui em mais um exemplo do testemunho na literatura. Aquele que fala, a testemunha ou sobrevivente, aquilo que se fala – a violência, a catástrofe, o evento-limite, a coletividade representada (Salgueiro, 2011, p.11) aqui antecedem o evento-limite (o autor fora detido pelo DOPS algumas vezes ao longo do ano de 1967), talvez pela tênue teia entre verdade e ficção, entre ética e estética, entre história e forma, como proposto por Salgueiro (p. 9). Gagnebin (2006) propõe a ampliação do conceito de testemunha, aquele que não vai embora para ouvir e operar uma transmissão simbólica, apesar do sofrimento indizível. Somente essa tomada reflexiva do passado pode ajudar a não continuar sua repetição. A literatura de testemunho levaria a uma politização da estética, assumindo que aos excluídos cabe falar (Ginzburg, 2012, p.28) e ainda desconstruir a história oficial (idem, p.25) numa sociedade violenta como a brasileira.

Todas as catorze poesias escritas têm data e a maioria com a localização assinalada no Rio Grande do Sul (RS), como Porto Alegre (P.A.), Santa Maria (S.M.). “O Povo diz que foi morto/depois de torturado/O Govêrno, que está no Recife/encarcerado”, evidencia o atenuante

do governo com G maiúsculo e a pausa crucial dada pela vírgula para declinar em “dizer” que Cabo Arraes está supostamente vivo, encarcerado; bem longe de onde fora aprisionado. A linguagem poética usada tenta amenizar a dureza da hora e parece ficção, mas não, apoia-se em fatos reais. Ico, assim conhecido entre os íntimos, politicamente engajado desde os quinze anos deixou o poema numa escrita à mão, feita em uma agenda pautada do ano anterior, mostra marcações precisas, ora fortes por deslocamento das palavras nos versos, ora por espaços entre eles, onde se reconhece a necessidade de “respiros”, enfáticos até lacônicos. Ao longo do texto há alguns destaques entre aspas, que por vezes parece um lema, um *slogan* que se repete: “Três moços destemidos/Têm pela frente um destino:/Fazer livre esta nação.” A repetição também da palavra “moços” se dá por quatro vezes, três delas de “três moços” e a quarta vez “quatro moços”, quando subliminarmente Cabo Arraes se juntaria aos três outros fugitivos que ele ajudara a escapar. O autor retoma então o início com ‘Guanabara – calada da noite’ para anunciar os quatro moços. Noutro destaque entre aspas, a liberdade sobrepuja a fome: “passar fome é uma coisa/e sabe de cor! /Mas passar fome sem liberdade/é ainda pior!” Cabo Arraes aprendera a se arriscar com os moços, tinha pouco a perder e buscava a Liberdade, a Liberdade Verdadeira, aquela que não existia em sua nação. Intrigantemente Luiz Enrico, quando chegara do Rio Grande do Sul, morava numa pensão na Liberdade, bairro da capital paulista para onde se mudara pela militância estudantil. E ainda enfatiza nos versos a Liberdade sublinhando-a como Verdadeira.

O autor faz pausas entre os versos que ganham força pela marcação ao saltar linhas na escrita em folhas pautadas. O saltar de linhas em momentos que até se suspende a respiração faz parecer que o poeta confere ênfase proposital aos momentos minuciosamente assinalados. Na transcrição, cada linha por mim saltada ao digitar corresponde a um parágrafo. São dez pausas; a oitava é a maior, onde se salta duas linhas, assinaladas aqui como dois parágrafos logo após, justo em sequência, a ‘encarcerado’. Os detalhes na escrita não parecem casuais; numa releitura, pausando nas ‘linhas saltadas’ percebe-se/sente-se a intencionalidade do autor. No desfecho “Seu companheiro/Cabo Arraes/Espera impaciente a Revolução/Onde/ao certo/Ninguém sabe. PAUSA Ou morto. /Ou na prisão!” clama pela permanência na luta por liberdade da nação e Revolução, desejadas em nome de Arraes que estaria morto ou na prisão. O efeito final mostra a transitoriedade da vida do cabo em luta com os moços.

Ano passado, a intencionalidade do jovem Luiz Eurico foi homenageada por Edson Luiz André de Souza no jornal Zero Hora, em 16 de outubro de 2022: “Mais do que nunca, é tempo de encontrarmos as palavras destes poetas que escreveram uma história do Brasil que ainda não conhecemos o suficiente”. A reportagem foi publicada enquanto preparava este

texto, em referência aos cinquenta anos de seu assassinato, composta por uma tocante carta de sua mãe e uma declaração de seu irmão, o músico Nei Lisboa: “De minha parte, choro por quem se foi e por aquilo que sonhava e que, tantos anos depois, nem perto está de se realizar. Luiz Eurico era meu irmão, onze anos mais velho, e com ele aprendi desde o berço a soletrar justiça, liberdade, humanidade.” Um mês antes, em setembro de 2022, 50 anos após seu extermínio, a revista Cult também lhe rendeu homenagem e trouxe um poema dedicado a um filho hipotético, intitulada: Ao Suzico.

Meu filho

Escrevo agora estes versos para que
saibas algum dia
que estas mãos que empunham a
metralha
e semeiam a morte
este olhar resoluto de soldado
têm algo mais que o impulso
mercenário
e o querer individual
para que saibas que estas mãos
escreveram versos
que estes olhos vislumbraram
a beleza de um outro dia
e este peito coberto de cicatrizes
já abrigou a paixão e o amor
para que saibas
que desde o primeiro passo
fui presa até a última fibra
da poesia
E que a metralha e a luta
são em tempo certo
o meu maior poema
a grande mensagem de um artista.

O artista deixou muitos outros poemas, vários a Suzana, que vive ainda em Porto Alegre, sua companheira no amor e na luta. O poema Suzico, ao filho que não chegou a ter, descreve um pouco do que dissera numa carta a Suzana: “Não entendem que nós buscamos, em última análise, as condições ideais para o amor”. Em Suzico (clara fusão dos amados, de seus nomes), uma vez mais as pausas, alternância de versos, trazem um sinal peculiar, com quebras inusitadas que acentuam e permeiam concretamente o fazer poético, quando em especial o poeta trata dele aqui.

O destemor e a esperança são característicos da obra de Ico Lisboa que sonhava e lutava por um país melhor e decente.

Referências

BRASIL. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos. Direito à verdade e à memória – Brasília, 2007. 500p.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. Aprendendo com a própria história. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Memória, história, testemunho. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2006, p. 49-57.

GUINSBURG, Jaime. Linguagem e trauma na escrita do testemunho. *Crítica em tempos de violência*. São Paulo: EDUSP, 2012, p. 51-59.

REVISTA CULT. Há 50 anos era assassinado Luiz Eurico Tejera Lisboa pela ditadura militar. 26 setembro, 2022. <https://revistacult.uol.com.br/home/ha-50-anos-era-assassinado-luiz-eurico-tejera-lisboa-pela-ditadura-militar/#.Y0bY85xhV4E.whatsapp>

SALGUEIRO, Wilberth. “Apresentação”. In: *O testemunho na literatura. Representações de genocídios, ditaduras e outras violências*. Vitória: Edufes, 2011 Apresentação, p.11.

ZERO HORA. As paisagens de Ico. História. 16/10/2022.

Cabo Arraes

11/1/67

Quarantena - cabida da noite...
 Após missas
 estufantes
 Atravessam a bar
 fugindo da prisão

Cabo Arraes
 é o guia
 para bem a situação.
 A São três missas destinadas
 em pela frente um destino.

FEVEREIRO						
D	S	T	Q	Q	S	S
			1	2	3	4
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28					

FEVEREIRO

4

Sexta-feira

1966

MARÇO						
D	S	T	Q	Q	S	S
			1	2	3	4
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30	31		

(19)

Cabo Arraes

Fazem parte este Marçã

é de

Cabo Arraes

"Num dois anos de instrução"

Sabe que "passar fome é uma coisa

Mas passar fome sem liberdade é con

saiu por

Cabo Arraes
 é o guia
 para bem a situação.

FEVEREIRO						
D	S	T	Q	Q	S	S
			1	2	3	4
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28					

FEVEREIRO

5/6

Sábado/Domingo

1966

MARÇO						
D	S	T	Q	Q	S	S
			1	2	3	4
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30	31		

É um pássco que corre
 E que aprendeu a correr
 Com os três moços da prisão.
 O fato é que tem muito pouco
 a perder
 Liberdade ^{liberdade} Verdadeira
 Perdeu no furto dia em que nasceu
 Convida ^{come pouco}
 Os dos presos e quase a mesma
 que ele sempre comeu.

FEVEREIRO						
D	S	T	Q	Q	S	S
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28				

FEVEREIRO
 7
 Segunda-feira
 1966

MARÇO						
D	S	T	Q	Q	S	S
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30	31	

pela p. 9

A vida
~~Casa~~ vida
 Não vale a pena viver!
 Guanabara - calada da noite...
 Quatro moços ^{patoyotas}
 Atravessam a baía
 Para fazer Revolução.
 Tão se uniram
^{alegos}
 As forças de libertação

FEVEREIRO						
D	S	T	Q	Q	S	S
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28				

FEVEREIRO
 9
 Quarta-feira
 1966

MARÇO						
D	S	T	Q	Q	S	S
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30	31	

Um - foi preso
 E ninguém sabe
 ao certo
 Onde ele está.

O povo diz que foi morto
 depois de torturado
 O governo, que está no Recife
 encobrendo

"Vozes mudas, desoladas
 Têm pela frente um destino:

FEVEREIRO						
D	S	T	Q	Q	S	S
			1	2	3	4
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28					

FEVEREIRO
10
 Quinta-feira
 1966

MARÇO						
D	S	T	Q	Q	S	S
			1	2	3	4
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30	31		

Fazer livre esta Nação".
 Seu companheiro
 Cabo Rangel
 Espera impaciente a Revolução.
 Onde
 ao certo
 Ninguém sabe.
 Ou morto
 Ou na prisão!

FEVEREIRO						
D	S	T	Q	Q	S	S
			1	2	3	4
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28					

FEVEREIRO
11
 Sexta-feira
 1966

MARÇO						
D	S	T	Q	Q	S	S
			1	2	3	4
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30	31		